

LECIONARIO BÍBLICO DOMINICAL

Não se trata somente de um livro litúrgico autônomo em relação ao “sacramental”, o que já é muito, mas se trata, acima de tudo, de um “lugar teológico” e do instrumento por excelência, mas não único, da dimensão dialógica entre a Igreja, Esposa dileta, e o Cristo, o Esposo esperado, que amou a Igreja e a si mesmo se entregou por ela” para a santificar, purificando-a com água, pela palavra, para apresentar a si mesmo à Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5, 25-27).

A história do Lecionário Bíblico

O Lecionário Bíblico é, de certa forma, o livro litúrgico mais antigo da história dos livros usados para o culto cristão, no Oriente e no Ocidente. O seu fundamento está nas narrações lucanas da visita de Jesus à sua cidade de Nazaré (Lc 4, 16-21) e do seu encontro com os discípulos que se encaminhavam decepcionados e tristes à cidade de Emaús, depois dos horrores daquela sexta-feira na qual o Mestre tinha sido preso e crucificado (Lc 24, 13-35).

O primeiro texto narra que Jesus entra na sinagoga num dia de sábado, como de costume, e lhe oferecem para ler o livro do profeta Isaías. Jesus o desenrola e encontra a passagem que diz “O Espírito do Senhor está sobre mim...” e a *proclama*. Enrola o livro e o entrega ao servente. Todos têm os olhos fixos nele (cf. Sl 145, 15). Ele se põe de pé e, comentando o texto que acaba de ler, o *atualiza* dizendo: “Hoje se cumpre esta escritura que acabaste de ouvir”. Na segunda passagem, o encontramos ressurrecto fazendo o coração dos discípulos arder enquanto *explicava o que dele se achava nas escrituras*, “começando por Moisés e por todos os profetas”.

Esses dois eventos neotestamentários podem ser ligados ao evento veterotestamentário de Neemias 8. Ao povo repatriado do exílio, reunido diante da porta chamada “das águas”, para celebrar a alegria da reconstrução dos muros de Jerusalém, o sacerdote Esdras faz uma proclamação solene das Escrituras reencontradas, de modo que os “ouvidos de todo o povo estavam atentos (*erectae*) ao livro da lei”(v.3).

A restauração do Lecionário Bíblico

O Concílio Vaticano II dispensou uma atenção toda particular à Palavra de Deus. Além da SC, outros três documentos conciliares “apontaram muitos aspectos sobre o valor da Palavra de Deus e sobre o restauro do uso da Sagrada Escritura em toda a celebração litúrgica”. São eles: a Constituição dogmática sobre a Divina Revelação, *Dei Verbum*, especialmente os números 1, 21, 25 e 26; o Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja, *Ad Gentes*, no número 6, e o Decreto sobre o Ministério e a vida dos Presbíteros, *Presbyterorum Ordines*, número 8.

Toda a celebração da Igreja – sacramentos e sacramentais – passou a ser marcada por uma solene e formal *proclamação da Palavra de Deus*. Não se trata de uma leitura, visto que essa sempre existiu, mas de uma atitude litúrgico-espiritual toda baseada sobre a estética e a poética. O Concílio recorda, antes de tudo, a dimensão cristocêntrica de tal ação ritual, quando afirma que Cristo está “presente na sua palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura” (SC 7), por isso sublinha que “é enorme a importância da Sagrada Escritura

na celebração da Liturgia” e exorta a que se favoreça o desenvolvido d”aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura”, porque “é nela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos” (SC 24). Diante de tal riqueza de princípios, se determina que: “Prepare-se para os fiéis com maior abundância, a mesa da Palavra de Deus: abram-se mais largamente os tesouros da Bíblia, de modo que, dentro de um período de tempo estabelecido, sejam lidas ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura”.

AILM, infelizmente desconhecida pela maioria dos presbíteros, ministros da Palavra, catequistas e agentes de pastoral em geral, é a chave de leitura da unidade orgânica e da lógica interna que interligam os diversos volumes do Lecionário Bíblico. A “Introdução” ILM, traduzida para o Brasil, é dividida em três partes, onde se recordam os “Princípios gerais para a celebração litúrgica da Palavra de Deus” (cap. I), se apresenta o significado da proclamação da Palavra de Deus na Eucaristia, se trata dos ministérios nela envolvidos, do lugar da sua proclamação (ambão), da necessidade da dignidade, do decoro, da beleza e da insubstituíbilidade dos livros (cap. II-III) e se oferece uma panorâmica sobre a estrutura e a distribuição das leituras da missa (cap. IV-VI).

O Lecionário Bíblico dominical. Uma escola de fé e vida

A presença do Antigo testamento como primeira leitura (exceto do Tempo Pascal) ao lado da voz do Apóstolo, tem o objetivo de pôr em evidência “ a unidade do Antigo e do Novo Testamento, e da História da salvação, cujo centro é Cristo e seu mistério pascal que celebramos” (ILM 66). Na verdade “ a Igreja continua fielmente na liturgia o mesmo sistema que usou Cristo na leitura e na interpretação das Sagradas Escrituras, visto que ele exorta a aprofundar o conjunto das Escrituras, partindo do ‘hoje’ do seu acontecimento pessoal” (ILM 3). Trata-se, portanto de uma proclamação-anúncio “total”, de modo que tanto a leitura do Antigo como a do Novo Testamento na celebração litúrgica é sempre anúncio do único e idêntico mistério de Cristo: “No Antigo Testamento está latente o Novo, e no Novo se faz presente o Antigo. O centro e a plenitude de toda a Escritura e de toda a celebração litúrgica é Cristo: por isso deverão beber de sua fonte todos os que buscam a salvação e a vida” (ILM 5). Eis porque “a Igreja cresce e se constrói ao escutar a Palavra de Deus, e os prodígios que de muitas formas Deus realizou na história da salvação fazem-se presentes, de novo, nos sinais da celebração litúrgica, de um modo misterioso, mas real: Deus, por sua vez, vale-se da comunidade dos fiéis que celebra a liturgia, para que sua palavra se propague e seja conhecida, e seu nome seja louvado por todas as nações. Portanto, sempre que a Igreja congregada pelo Espírito Santo na celebração litúrgica, anuncia e proclama a Palavra de Deus, se reconhece a si mesma como o novo povo, no qual a aliança antigamente travada chega agora à sua plenitude e perfeição. Todos os cristãos, que pelo batismo e a confirmação no Espírito se convertem em mensageiros da Palavra de Deus, depois de receberem a graça de escutarem a Palavra, devem anunciá-la na Igreja e no mundo, ao menos com o testemunho de sua vida. Esta Palavra de Deus, que é proclamada na celebração dos divinos mistérios, não só se refere às circunstâncias atuais, mas também olha para o passado e penetra o futuro, e nos faz ver quão desejáveis são as coisas que esperamos, para que, no meio das vicissitudes do mundo, nossos corações estejam firmemente postos onde está a verdadeira alegria” (ILM 7).

Uma devida atenção à forma da proclamação das leituras

A regra de São Bento, mesmo se respeitando e valorizando todos os talentos dos seus monges, prescreve que “Os irmãos não leiam e nem cantem segundo a ordem da comunidade, mas o façam aqueles que edificam os ouvintes”. A ILM sublinha que “o que mais contribui para uma adequada comunicação da Palavra de Deus à assembleia é a própria maneira de proclamar dos leitores, que devem fazê-lo com voz alta e clara, tendo conhecimento do que lêem” (ILM 14). Vá precisado que o verbo usado pelos livros litúrgicos nem sempre é o verbo *proclamar* que, segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa significa “declarar publicamente em voz alta e com solenidade” ou, ainda, “anunciar, declarar enfaticamente, afirmar asseverar”, mas esse é largamente usado pela IGMR, tanto para o Evangelho (IGMR 31), como para o Salmo Responsorial (IGMR 129) e para as leituras (IGMR 128. 130). Os livros litúrgicos traduzidos para o Brasil usam o verbo proclamar somente para o anúncio inicial do Evangelho, porém esse é o espírito que deve determinar toda a Liturgia da Palavra. Em se tratando de uma leitura proclamada, convém que a fórmula de abertura seja conservada – *Leitura do livro...*(cf. ILM 121,1; 122.2d) – evitando, obviamente, o enunciado *primeira* ou *segunda* leitura, e também a citação de capítulos e versículos, que no lecionário aparecem em vermelho, porque se tratam de rubricas titulares e não de texto a ser proclamado. Não se deve tampouco pronunciar os títulos das leituras, que têm dentro do Lecionário, uma função indicativa não proclamativa (ILM 117.123). A fórmula ao final das leituras – *Palavra do Senhor* – é de cunho exclamativo, não de cunho afirmativo-indicativo, por isso não é conveniente o uso do verbo ser: “**É** Palavra do Senhor” (cf. ILM 18.125).

Atenção à dimensão estética do lugar e do instrumento. Confirmando o quanto previsto no número 11 da IGMR, a ILM afirma que “na celebração da missa com o povo, as leituras devem ser feitas do ambão” (16), que é “*um lugar* elevado, fixo, adequadamente disposto”, nobre, por causa da dignidade da Palavra de Deus. Uma verdadeira mesa da Palavra. Deve estar em íntima proporção e harmonia com o altar (cf. ILM 32). Deve ser adornado com sobriedade e reservado para a leitura da Palavra de Deus, para o canto do Salmo Responsorial, do Precônio Pascal, para a homilia e para a oração dos fieis, pois para isso é abençoado, por outro lado, é impróprio usá-lo pra avisos e comentários (cf. ILM 33). Tradicionalmente, simbólica e mistagógicamente, para além do nível da praticidade (funcionalismo), o ambão se apresenta como jardim/esposa e sepulcro vazio, dedicado muitas vezes, ao longo da história, às “miróforas” e a Santa Maria Madalena. Ao lado da prerrogativa da insubstituível dos livros litúrgicos por jornais, folhetos e tablet’s (ILM 37), convém que eles sejam utilizados e guardados com dignidade e decoro, pois são “sinais e símbolos das realidades do alto na ação litúrgica” (ILM 35). Santo Agostinho afirma sobre a Escritura: “é a boca de Cristo”. A forma com que uma paróquia ou uma comunidade guarda os seus Lecionários Bíblicos revela o quanto ela tem de vida espiritual.

Uma devida atenção ao não verbal. Pouca atenção se faz ao fato de que a *Liturgia da Palavra* é um rito e um rito implica necessariamente um *fazer/gestual* unido a um *dizer/verbal*. Todo o não verbal da Liturgia da Palavra, porém, parece apontar para a proclamação do Evangelho (incenso, procissão, bênçãos, velas etc. – ILM 127), mas outros elementos devem ser valorizados durante a proclamação da palavra em torno ao Lecionário Bíblico, tais como a postura corporal de quem proclama, os gestos nobres e comedidos de quem canta o Salmo

Responsorial, a forma de caminhar para o ambão de maneira tranquila e discreta, sem pressa e agitação, a reverente forma de abrir, fechar e remover o livro do ambão etc. Todos estes gestos em torno da Palavra de Deus, se vividos com “nobre simplicidade”, enriquecem substancialmente de espiritualidade a vida de uma comunidade que celebra.

Fonte: Revista de Liturgia

Jerônimo Pereira Silva